

A TRADUÇÃO DE METÁFORAS EM TIRAS DO GARFIELD

Arlene Koglin

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

arlenekoglin@yahoo.com.br

Resumo

Os estudos da tradução e de metáfora têm crescido consideravelmente nos últimos anos. Contudo, faz-se necessário discutir as dificuldades de tradução de metáforas. Segundo alguns teóricos, as metáforas podem constituir um problema de tradução uma vez que envolvem diferenças lingüísticas e culturais entre a língua fonte e a língua alvo. Após uma breve revisão sobre as concepções de metáfora – tradicional e moderna -, bem como as dificuldades e procedimentos para sua tradução com base na teoria descritivista de van den Broeck, esse artigo discutirá tais procedimentos em quatro tiras do Garfield selecionadas a partir dos anos de publicação 2005 e 2006. Os exemplos mostram que nem sempre os procedimentos descritos na literatura atendem às necessidades da prática, pois suas dificuldades e problemas estão associados às diferenças lingüísticas e culturais da língua fonte e da língua alvo. Disso decorre a necessidade constante de reflexão e aprimoramento do tradutor com relação à prática tradutória.

PALAVRAS CHAVE: tradução de metáforas, procedimentos de tradução, tiras do Garfield.

Abstract

Metaphor and translation studies have considerably increased during last years. However, it is necessary to discuss the translation difficulties of metaphors because, according to some authors, they can be a translation problem since they involve linguistic and cultural differences between the source language and the target language. After a short review of metaphor conceptions – traditional and modern – as well as the difficulties and procedures for its translation according to van den Broeck descriptive theory, this paper will discuss such procedures in four Garfield cartoons which were selected based on their year of publication: 2005 and 2006. The examples show that these procedures not always contemplate practice because its difficulties and problems are related to cultural and linguistic differences of both source and target language. For this reason, there is the need of constant reflection and improvement of translators concerning translation practices.

KEY WORDS: metaphor translation, translation procedures, Garfield cartoons.

1 - Introdução

Tradutores, de modo geral, são desafiados no seu dia-a-dia pelas dificuldades do ato de traduzir, porém “em geral elas não são examinadas, ou sequer enunciadas” (Venuti, 1996:111). Na maioria das vezes, as dificuldades acontecem devido às diferenças lingüísticas e culturais das línguas, pois traduzir não implica simplesmente encontrar um equivalente lexical e transpô-lo da língua fonte para a língua alvo. Segundo Venuti (1995:18)ⁱ, “a tradução é a substituição forçada das diferenças culturais e lingüísticas do texto estrangeiro para um texto que será inteligível ao leitor da língua alvo”. Fica evidente, na afirmativa do autor, que a tradução é permeada por especificidades culturais que, ao serem traduzidas, podem constituir uma transposição forçada em razão das diferenças entre as duas línguas. No entanto, o tradutor não pode simplesmente ater-se à sintaxe e aos itens lexicais, pois língua e cultura estão intrinsecamente ligadas.

Devido a essa indissociabilidade entre o elemento lingüístico e o cultural, a tradução de metáforas é um dos desafios enfrentados pelos tradutores, visto que a metáfora somente será compreensível se for considerado seu contexto cultural. Conforme afirma Schäffner, (2004:1254) “o fenômeno da metáfora freqüentemente tem sido motivo de preocupação entre os estudiosos da tradução, que discutem sobre os problemas de transferência das metáforas de uma língua e cultura para outra”. Essa dificuldade pode tornar-se ainda mais freqüente quando aparece em tiras humorísticas, uma vez que estas possuem características específicas como, por exemplo, a presença da linguagem visual e um propósito não só informativo, mas também cômico. E é no aspecto da comicidade que os tradutores, talvez, encontrem seus maiores desafios, pois nem sempre a tradução literal criará o riso na língua alvo, o objetivo principal deste gênero.

Além disso, as tiras, conforme Peñamarin (1998), são muito sintéticas, expressivas e breves por serem muito retóricas. Em razão de tais características, torna-se ainda mais desafiador produzir o mesmo efeito humorístico e semântico na língua alvo. Ademais, como língua e cultura estão atreladas, “a tradução literal perderia os indícios necessários para a compreensão total dos fatos extralingüísticos, e esse é o maior problema dos tradutores de obras ou tiras cômicas” (Vazquez-Ayora, 1977:319).

Considerando as especificidades da tradução deste gênero discursivo, pretendo investigar os procedimentos utilizados na tradução das metáforas presentes nas tiras do *Garfield*, com base no modelo descritivista de van de Broeck. Além disso, na tentativa de ilustrar os desafios lingüísticos e culturais mencionados, objetivo discutir as soluções

propostas pelo tradutor. As discussões ocorrerão em torno de quatro tiras previamente selecionadas dos anos de 2005 e 2006, publicadas no *site* www.tirinhas.com e acessadas durante maio de 2006. Elas foram traduzidas do inglês para o português por Marcelo Toscani Brandão. A seleção do material de análise ocorreu com base no critério de presença de metáforas no texto fonte ou no texto alvo.

2 - As concepções de metáfora

Nos últimos anos, o interesse pelos estudos em metáfora tem crescido consideravelmente. A linguagem figurada é uma questão que preocupa especialmente aqueles que estudam ou praticam a tradução. Pode-se afirmar que existem duas abordagens de metáfora: a tradicional e a moderna. A concepção mais tradicional surgiu com Aristóteles e concebe a metáfora como uma mera figura de linguagem, que deve ser evitada em textos científicos e objetivos. Contudo, a partir da década de 70, essa visão começa a mudar e, dez anos mais tarde, Lakoff e Johnson rompem com a tradição retórica, quando publicam o livro *Metaphors We Live by*. Para esses autores (2002:18), a metáfora está presente na linguagem cotidiana, isto é, em qualquer manifestação discursiva seja ela literária ou não.

Apesar dos estudos crescentes sobre metáfora, há, ainda, uma preponderância da concepção tradicional. O sentido que ainda predomina diz respeito ao seu valor estético em textos literários como figura de linguagem. Nessa visão, a metáfora era vista como um desvio da linguagem usual e deveria ser evitada sempre que alguém quisesse falar objetivamente. Conforme afirmam Lakoff e Johnson (2002:11), a metáfora era (e é ainda) considerada um fenômeno da linguagem apenas, ou seja, um ornamento lingüístico, sem nenhum valor cognitivo. Dentro dessa perspectiva, ela é apontada como um desvio da linguagem habitual e indesejável no discurso científico que deveria utilizar uma linguagem clara e precisa. A partir disso, pode-se concluir que, em oposição à concepção moderna, a tradição retórica não determina a metáfora como um recurso presente na linguagem não literária. Além disso, a concepção mais tradicional não considera que a metáfora auxilia na compreensão de fatos novos. Em vez disso, acentua que a linguagem figurada é de compreensão mais difícil que a literal.

Por outro lado, a concepção mais moderna de metáfora, que teve como pioneiros Lakoff e Johnson e cuja perspectiva será adotada nesse trabalho, argumenta que a metáfora está presente no nosso cotidiano seja na linguagem, nos pensamentos ou nas ações. Com base nesses autores (2002: 45), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só

pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Sob esse enfoque, a principal função da metáfora seria a compreensão. “Além de constituir nosso sistema conceitual, ela é usada deliberadamente como ferramenta no ensino, na literatura, como técnica persuasiva de comunicação e *marketing*, assim como também como base para teorização científica”. (Souza, 2004:51)

A partir de um conceito metafórico podem ser geradas variadas expressões lingüísticas metafóricas. A estrutura da metáfora é composta de dois termos: o veículo e o tópico. Este refere-se àquilo que falamos enquanto que aquele diz respeito ao segundo termo da afirmativa a partir do qual a analogia é criada. Quando dizemos, por exemplo, que alguém é uma mala, temos o alguém como o tópico e mala como o veículo, a partir do qual apenas algumas características são destacadas e atribuídas ao tópico, nesse caso o desconforto e o incômodo causado por uma mala. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), existem as metáforas orientacionais e as ontológicas. Estas compreendem nossas experiências através de sua identificação com objetos e substâncias (por exemplo, MENTE É UMA MÁQUINA – Estou um pouco enferrujado hoje), enquanto que aquelas estão relacionadas a conceitos de orientação espacial e surgem a partir da experiência física e cultural (por exemplo, feliz é para cima, triste é para baixo).

Os valores de uma cultura terão coerência com o conceito metafórico. Assim, um dado conceito metafórico em uma determinada cultura pode apresentar ou não o mesmo sentido em outra. Cabe ressaltar que a ‘estrutura metafórica de vida e amor talvez seja a mais restrita culturalmente’ (Gibbs, apud G. Lakoff, 2002). Dessa ligação da metáfora com os valores culturais decorre um dos desafios enfrentados pelos tradutores que, de alguma forma, necessitam encontrar uma maneira de transportar o sentido e, no caso de tiras humorísticas, ainda manter o efeito humorístico.

3 - Metáforas: procedimentos e dificuldades de tradução

Conforme apontado anteriormente, Lakoff e Johnson defendem que as metáforas regem nossos pensamentos e ações, principalmente quando falamos de abstrações e emoções. Segundo os autores (2002:22), elas são uma forma de compreender o mundo, nossa cultura e nós mesmos.

Dessa forma, os valores de cada cultura poderão alterar os conceitos metafóricos e, conseqüentemente, as expressões lingüísticas metafóricas geradas a partir destes poderão ter diferentes significações. Este é um dos principais desafios ao tradutor de tiras, já que ele será

o responsável pela transposição adequada de valores a fim de apresentar uma tradução que não só faça sentido ao leitor, mas também provoque o riso.

Schäffner (2004: 1255) aponta que a “metáfora, tradicionalmente, tem sido descrita como um fenômeno lingüístico individual (expressão metafórica) que pode tornar-se um problema de tradução”. Isso poderá ocorrer em decorrência da não equivalência de valores e fatos históricos entre a língua fonte e a língua alvo. Uma única metáfora conceitual poderá ter valores diferentes, às vezes, até opostos nas duas línguas envolvidas no processo de tradução.

Lakoff e Johnson (2002: 74) ilustram o aspecto das diferenças de valores mostrando que “nem todas as culturas dão a prioridade que damos à orientação para cima – para baixo. Há aquelas em que “equilíbrio” e “centralidade” desempenham um papel bem mais importante do que aquele que exercem em nossa cultura”. Assim, um tradutor ao encontrar a expressão metafórica “Estou me sentindo para baixo” teria que conhecer o valor cultural subjacente tanto no texto fonte quanto no texto alvo. E isso envolve muito mais do que simplesmente possuir conhecimento lingüístico. Há ainda os casos em que a imagem metafórica presente na língua fonte não existe na língua alvo.

Em face disso, a traduzibilidade das metáforas torna-se motivo de preocupação entre tradutores e estudiosos da tradução em geral. Na tentativa de superar os desafios mencionados, “diversos procedimentos de tradução foram sugeridos como soluções alternativas ao ideal de reprodução intacta da metáfora” (Schäffner, 2004:1256).

Para esta análise serão adotadas as possibilidades de tradução sugeridas por Van den Broeck (1981), abaixo apresentadas.

- Tradução ‘stricto sensu’: transferir o tópico e o veículo da língua fonte para o texto alvo. Exemplo: em *I am feeling up today* é possível fazer a tradução literal por *Estou me sentindo para cima hoje*, sem afetar a compreensão. Em ambas línguas há o mesmo valor metafórico.
- Substituição: substituir o veículo da língua fonte por um veículo na língua alvo que tenha um teor parecido. Exemplo: na expressão *Paddle your own canoe*, a tradução literal seria *Reme com sua própria canoa*. Assim, o leitor da língua portuguesa poderia não entender o seu sentido.
- Parafrasear: traduzir a metáfora da língua fonte por uma expressão não metafórica na língua alvo. Exemplo: Para a expressão metafórica *It's raining cats and dogs* não existe uma expressão com o mesmo sentido na língua portuguesa. Nesse caso, seria necessário parafrasear por *Está*

chovendo muito, para pelo menos repassar a idéia transmitida pela expressão em inglês.

É importante ressaltar que este autor apresenta uma teoria descritivista, ou seja, ela propõe-se explicar e descrever soluções identificadas e não prescrever como as metáforas deveriam ser traduzidas.

4 - A tradução das metáforas nas tiras selecionadas

Após a seleção das tiras, buscou-se um contato com o tradutor, Marcelo Toscani Brandão, para que se tivessem algumas informações sobre o seu trabalho. Ele informou que realiza as traduções desde 12 de agosto de 2004. Inicialmente, ele mesmo selecionava a tiras sem seguir nenhum padrão e as postava no site. Como o interesse dos leitores aumentou, ele começou a incluir sete tiras no site todos os domingos e, inclusive, tratou de iniciar a tradução de outras tiras como *Hackles*, que aborda estereótipos das pessoas que trabalham com informática, e *Userfriendly*, uma tira diária cujo humor é centrado em piadas sobre tecnologia com humor *nerd*. Ambas são publicadas na internet e a última também aparece em alguns jornais.

Ao analisar as opções de Brandão na tradução das metáforas, observamos que houve predominância da primeira possibilidade sugerida por van den Broeck, a tradução *stricto sensu*, conforme podemos notar nos seguintes exemplos de uma das tiras escolhidas e que foi publicada no dia 15 de junho de 2005:

Looks like you have another birthday creeping up on you.	Parece que você tem outro aniversário rastejando até você.
At my age, birthdays don't creep anymore...	Na minha idade, os aniversários não rastejam mais...
They just burst through the door and march right in.	Eles simplesmente arrombam a porta e vem marchando a toda.

Podemos dizer que o tradutor conservou totalmente a expressão metafórica relacionada a aniversários e parece-me que, através desse procedimento, não houve nenhum comprometimento na compreensão do produto final e na manutenção da comicidade do original, pois, tanto na cultura do texto fonte como na cultura do texto alvo, há a mesma sensação de apavoramento diante do avanço da idade. Conforme afirma Graça (2003), é o contexto cultural que nos permite avaliar e reproduzir a forma e os vários graus do humor.

Também na tira abaixo, publicada em 26 de março de 2006, o tradutor seguiu o procedimento *stricto sensu* - exceto na segunda sentença que apresenta substituição. Entretanto, nesse caso, talvez o literal não tenha sido a melhor opção de tradução para algumas das expressões metafóricas aqui presentes.

One cookie left...	Só sobrou um biscoito ...
That one old cookie that lain in the bottom of the jar forever.	É o velho biscoito que vai ficar jogado no pote pra sempre.
Covered in the ancient dust of a million other cookies and the fingerprints of a million grimy hands.	Coberto com pó ancestral de um milhão de outros biscoitos e as digitais de um milhão de mãos sujas.
... stale, rock hard, and hideously malformed... the “Elephant Cookie” of cookies.	... duro igual a uma pedra, mal-feito e velho... o “Elefante” dos biscoitos.
And yet, as brutally graphic as my dissertation has been...	E ainda assim, brutalmente gráfico como minha dissertação...
I’m not going to be able to talk myself out of eating it.	Não vou conseguir falar com mim ⁱⁱ mesmo sem comer.

De um modo geral, a tradução preservou o sentido e a comicidade do texto fonte. No entanto, após uma leitura mais minuciosa desse exemplo, podemos observar que a aplicação do procedimento *stricto sensu* não parece ter sido eficaz em todos os casos. Por exemplo, a expressão “the ‘Elephant’ Cookie of cookies” traduzida por “o ‘Elefante’ dos biscoitos” não é freqüente na cultura alvo e poderia até mesmo ocasionar a incompreensão por parte do leitor. E isso, por sua vez, afetaria a finalidade desse gênero que, é o riso. Por este motivo, é necessário que o tradutor tenha consciência da possibilidade dos efeitos de uma incompatibilidade cultural de sentidos. “Essa percepção só ocorre se o tradutor tiver presente, na reflexão sobre e na realização do seu trabalho, o horizonte de valores culturais que emoldura as situações de comunicação (...)” (Azenha: 1999:67).

Por outro lado, houve apenas duas ocorrências de substituição e nenhuma paráfrase. Um dos exemplos de substituição, em destaque na tira a seguir, parece ter sido uma alternativa bem sucedida.

I saw the cutest girl at the deli today, Garfield.	Eu vi a mais linda garota no açougue hoje, Garfield.
She was a vision standing at the counter right in front of the chopped liver...	Foi uma visão linda, ela em pé no balcão, bem em frente ao fígado moído...
The smell of love and hot pastrami filled	O cheiro de amor e de lingüiça

the air...

Suddenly I was a knish on a mission! I rushed over to her and said....

“You must be *today’s special*, ‘cause you’re making me hungry!”

Which explains the genoa salami in my left ear

I’ll get the forceps and mustard.

defumada estavam no ar...

E de repente , eu me vi em uma missão!

Rapidamente eu fui até ela e disse...

“Você deve ser a *oferta da casa* pois você está me deixando com vontade de comer!”

Isso explica o salame italiano na minha orelha esquerda

Vou pegar um alicate e um pouco de mostarda.

Ao analisarmos o contexto, observamos que o tradutor talvez tenha utilizado essa estratégia em razão do uso mais corrente dessa expressão na língua alvo. Este é um dos casos em que é necessário adaptar o texto para que se encaixe na cultura alvo. Quando o tradutor utiliza esse procedimento, ele precisa avaliar se o efeito produzido pelo emprego do termo na língua e na cultura fonte coincide com o efeito produzido pelo termo na língua e cultura alvo (Azenha: 1999).

Além disso, é importante notar que, em uma das tiras, a seguir apresentada, o tradutor utilizou-se de uma estratégia que não se enquadra nos procedimentos utilizados para esta análise, mas que é interessante ser comentada. Ao observarmos o contexto na cultura alvo, veremos que a escolha pode ter sido bem sucedida.



27/01/2006

Neste caso, não havia quaisquer indícios de metáfora na frase da língua fonte (“I am not worthy of you”) e, ao traduzi-la, o tradutor optou pela inserção de uma expressão metafórica (“É muita areia pro meu caminhão”) ao invés de traduzi-la literalmente ou *stricto sensu* por “Eu não te mereço”. Podemos considerar essa opção bem sucedida uma vez que na cultura da língua alvo a tradução *stricto sensu* não é tão usual em uma situação de paquera e, como ressalta Vazquez-Ayora (1977:319), com a tradução literal poderá haver perdas dos indícios necessários para a compreensão extralingüística. Parece-me, também, que a opção pela expressão metafórica causa mais riso contribuindo, portanto, para o efeito cômico da tira.

5 - Considerações finais

A partir dos exemplos anteriormente apresentados e discutidos, podemos concluir que a atividade de tradução é complexa e exige não somente conhecimentos lingüísticos, mas históricos e culturais das línguas envolvidas nesse processo.

Em relação à tradução de metáforas, nem sempre o procedimento *stricto sensu* conseguirá solucionar os problemas. Também haverá casos, como no último exemplo discutido, nos quais o tradutor precisa priorizar a cultura alvo pois ele “deve lembrar-se de que a compreensão (...) não depende somente do conhecimento do leitor, mas dos princípios que regem a comunicação.” (Vazquez-Ayora, 1977:323).

Embora não existam teorias que consigam apresentar soluções absolutas para todas as dificuldades de tradução, a descrição e o estudo da tradução, especialmente de metáforas, permitem-nos refletir sobre nossas tomadas de decisões bem como aprimorá-las enquanto tradutores, principalmente quando a tradução é permeada por especificidades culturais que desafiam a prática.

Referências

- AZENHA, J.J. *Tradução técnica e condicionantes culturais*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- GIBBS, R.W. *The poetics of mind: figurative thought language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 120 – 207.
- GRAÇA, A. Cultura e tradução: o contexto cultural como categoria translatória. *Nova*, 2003. Não paginado. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/deps/estudosalemaes/Pubs/P_Aires_Graca_14_Jan_2003.asp> Acesso em: 20 abr. 2006.
- LAKOFF G. & JOHNSON M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo GEIM. Campinas: EDUC, 2002.

PENAMARIN, C. Polemic Images: Metaphor and Index in the Language of Political cartoons. *Quaderni di studi semiotici*, nº 80/81, 1998. Não paginado.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of pragmatics*, v. 36, p. 1253-1269, 2004. Disponível em <www.elsevier.com/locate/pragma> Acesso em: 20 jun. 2006.

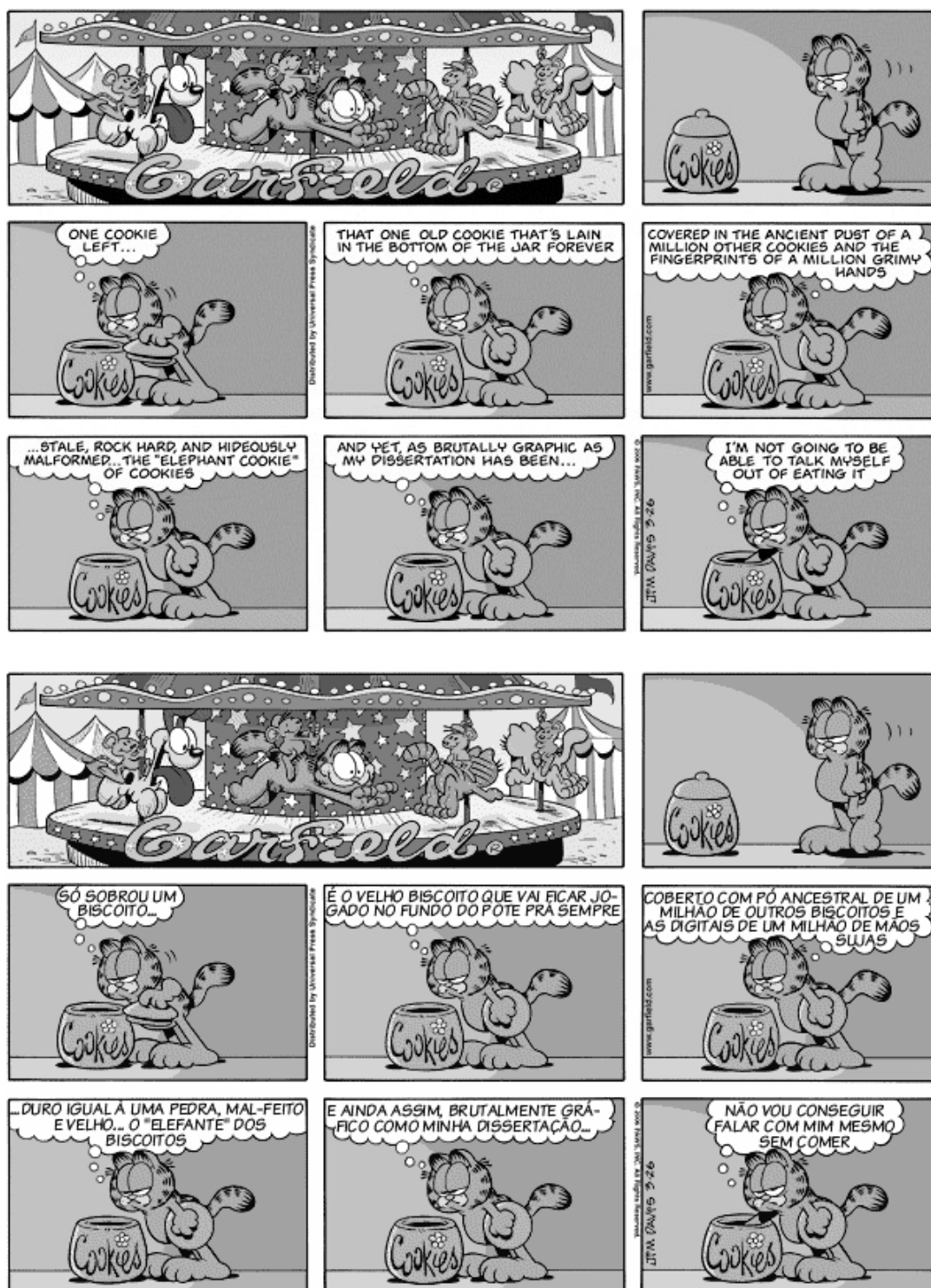
SOUZA, A.C. *Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados*. 2004. 321 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VAZQUEZ-AYORA, Gerardo. *Introducción a la traductologia: curso basico de traduccion*. Washington: Georgetown University Press, 1977.

VENUTI, L. A invisibilidade do tradutor. *Palavra* 3, p. 111-134, 1996.

_____. *The translator's invisibility*. London/New york: Routledge, 1995.

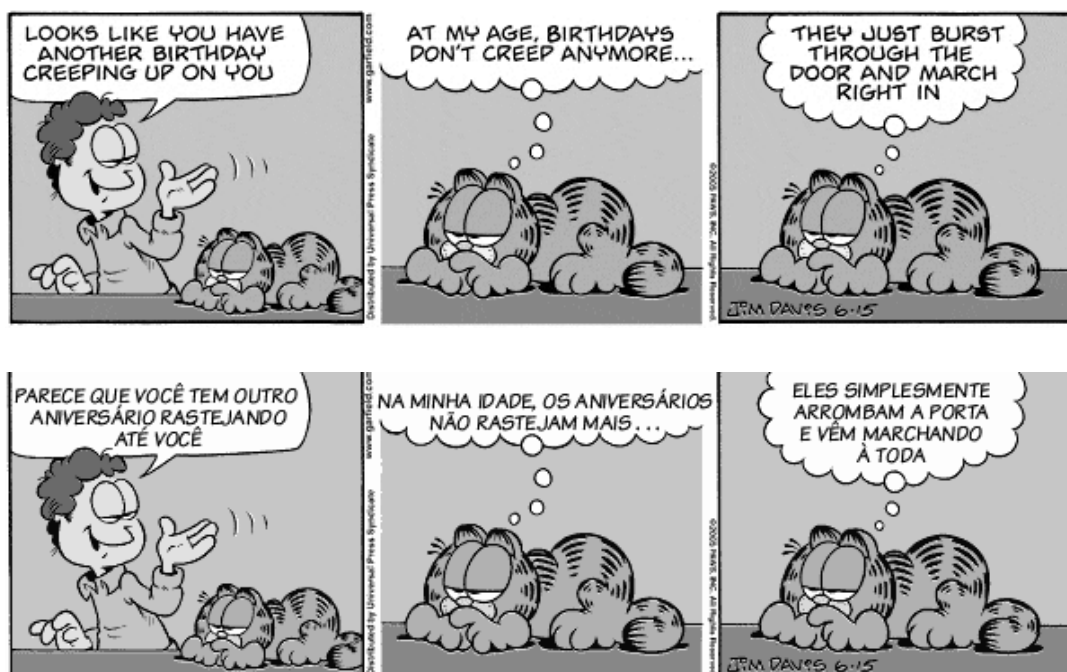
Anexos



26/03/2006



05/09/2005



15/06/2005

- ⁱ As traduções de citações presentes no artigo, que não trouxeram indicação de tradutor, são de minha autoria.
- ⁱⁱ Foi mantida a grafia apresentada originalmente na tradução da tira conforme pode ser verificado nos anexos.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.